



Criações de abelhas e as mulheres da Região do Rio Doce Capixaba *Beekeeping and women in the Rio Doce Capixaba Region*

TEIXEIRA, Alex Fabian Rabelo¹; LOSS, Jéssika Cardoso², VALENTE, Fabricio Iglesias³; CRUZ, Keyla Vieira⁴; GALLON, Camilla Zanotti⁵; NASCIMENTO, Maria do Carmo Freitas⁶.

^{1,3,4}Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (INCAPER),
afabian@incaper.es.gov.br, fabricio.valente@incaper.es.gov.br, cruzkeylav@gmail.com (bolsista);

⁵Associação dos Meliponicultores do Espírito Santo (AME ES), camilla.galon@ufes.br; ⁶Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), maria.nascimento@ifes.edu.br. ²Em memória.

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Biodiversidade e Bens comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: As mulheres da Região do Rio Doce Capixaba têm se destacado como protagonistas nas criações das abelhas. Com o interesse crescente das mulheres em iniciar nas atividades de criação de abelhas, o projeto “Elas podem nas criações das abelhas” foi idealizado para oportunizar que as mulheres se insiram na atividade com as devidas orientações e acompanhamento técnico. Antes da sua implantação e para auxiliar na elaboração de planos de trabalhos individualizados, foi realizada uma caracterização do perfil dessas mulheres. Os resultados obtidos até o momento fazem parte de um processo inicial e em construção, mas que já deu os primeiros passos, com a formação de um Coletivo.

Palavras-Chave: abelhas sem ferrão; abelhas africanizadas; empoderamento feminino; Espírito Santo.

Contexto

A Região do Rio Doce Capixaba, composta pelos municípios de Aracruz, Ibraçu, João Neiva, Linhares, Sooretama e Rio Bananal, representa extrema importância ecológica, por apresentar ecossistemas com riquezas hídricas e florestais. Associado aos ecossistemas naturais, coexiste uma biodiversidade agrícola e pesqueira familiar em meio a megaprojetos de exploração florestal, portuária e do agronegócio, que impactam os modos de vida e a agrobiodiversidade local.

Os princípios da Agroecologia primam pelo resgate, fortalecimento e validação dos conhecimentos endógenos das comunidades tradicionais, pela diversidade dos agroecossistemas e pelas interações ecológicas (CAPORAL & COSTABEBER 2002a; 2002b; 2004) e a noção de agrobiodiversidade adotada por BOEF et al. (2007), um processo de permanente coevolução sócio-ecológica, que considera que a fração de biodiversidade presente nos agroecossistemas está estreitamente relacionada com a ocupação humana e seus modos de vida. Assim, a partir da união desses dois princípios, presume-se que há uma sinergia positiva entre a criação de abelhas sociais e os princípios agroecológicos (TEIXEIRA 2007).



Na expectativa de contribuir para o fortalecimento dos sistemas de criação de animais de pequeno porte, em especial galinhas caipiras e de abelhas, e para a proteção da agrobiodiversidade a eles associada, em 2013, iniciou-se estudos junto aos criadores de galinhas caipiras e de abelhas em comunidades rurais da Região do Rio Doce Capixaba (ex.: BALDI et al. 2017; BARROS et al. 2016; GUELBERT SALES et al. 2016). Essa região é formada por comunidades rurais tradicionais, com a presença de aldeias indígenas, populações caiçaras, agricultores familiares, assentados da reforma agrária e pescadores, em extensas áreas costeiras de restingas e mangues, ribeirinhas e remanescentes da Mata Atlântica.

A partir desses estudos foi possível perceber a existência de mulheres capixabas que atuam diretamente nas criações das abelhas, quer seja na meliponicultura (criação de abelhas nativas sem ferrão) e/ou na apicultura (criação de abelhas africanizadas). Muitas auxiliam em algum ponto da cadeia produtiva. Outras tem interesse em iniciar nas atividades ou gostariam de atuar de forma mais direta.

Como parte do projeto “Elas podem nas criações das abelhas”, executado pelo Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão (Incaper), o presente relato busca entender o significado das criações de abelhas sociais (meliponicultura e apicultura) por um grupo de mulheres da Região do Rio Doce Capixaba. Quem são essas mulheres? Como iniciaram nas criações? Quais as espécies criadas? Qual o olhar dessas mulheres e o grau de satisfação em criar abelhas?

Descrição da Experiência

Em 2021, pós redução de casos de covid-19, foram realizadas visitas técnicas iniciais e individualizadas às propriedades rurais de mulheres previamente identificadas, com participantes da cadeia produtiva da Apicultura e da Meliponicultura, por projetos e ações de assistência técnica e extensão rural desenvolvidos aos longos de pelo menos dez anos pelos profissionais da extensão do Incaper, na região do Rio Doce Capixaba. Esse público inicial colaborou na indicação de mais mulheres. O objetivo era convidar e inserir essas mulheres nas ações de assistência técnica e extensão rural específico para o público feminino, a partir do projeto “Elas podem nas criações das abelhas”.

Para isso, foram desenvolvidos diálogos abertos e guiadas (entrevistas semi-estruturadas), com algumas gravações, registros fotográficos; cadastro das mulheres, com o registro de autorização de direito de uso de imagem e termo de consentimento livre e esclarecido; localização e descrição do entorno do meliponário e/ou apiário de cada mulher e do seu núcleo familiar.

Foi aplicada uma dinâmica individual para entender a percepção de cada mulher com relação: (a) ao conhecimento técnico nos manejos das criações de abelhas; (b) a infraestrutura do local onde criam as abelhas; (c) os produtos obtidos e o acesso a comercialização; (d) os manejos empregados; (e) o grau de satisfação ao criar



abelhas e a interação com outras mulheres que também criam abelhas. Para isso, foi utilizada a seguinte escala de valores arbitrária: (1) péssimo ou muito ruim, (2) ruim, (3) regular, (4) bom, (5) ótimo e (6) excelente.

Até o presente momento, foram identificadas 50 mulheres, nos municípios de Aracruz, Sooretama e Linhares, pertencentes a região do Rio Doce capixaba, que criam e atuam na cadeia produtiva (76%) ou com interesse (24%) na criação de abelhas. Deste total, 60% participa do Projeto “Elas podem nas criações das abelhas”, sendo que 45% atua diretamente e ativamente nas criações das abelhas. Ou seja, teve o interesse inicial nas criações, buscou informações a respeito, mantém, maneja e toma as decisões relativas às criações. É notório que a mulher sempre busca envolver seu núcleo familiar (como: filhos e filhas, netos e netas; esposos; companheiros e outros) e acolhem outras mulheres com interesse em iniciar criações de abelhas.

O grupo de mulheres identificado é heterogêneo: do ponto de vista etário (jovens e terceira idade); étnico (indígenas, urbanos e agricultoras familiares); nas atuações nas criações (há mulheres que atuam de forma direta nas criações de abelhas africanizadas e nativas sem ferrão, outras que auxiliam o marido e outras que não criam abelhas, mas que simpatizam com todo o contexto social, econômico, ecológico e cultural, em especial arte com desenhos e artesanatos, que envolve o “universo” das abelhas); diferentes interesses nas criações (hobby, ecológico e preservação, produção econômica para a garantia de renda adicional).

A espécie de abelha nativa sem ferrão *Melipona mondury* Smith, 1863 (conhecida popularmente por uruçú-amarela) é a mais criada pelas mulheres (64,36%), seguida da *Tetragonisca angustula* (Latreille, 1811) (jataí) (19,47%) (Figura 1). Ambas aceitam os manejos corriqueiramente empregados nas suas criações, como: uso de caixas racionais, uso de cavaletes, alimentação artificial (energética e proteica), multiplicação de colônias, adição de cera mista (cera de abelhas africanizadas mais cerume de abelhas sem ferrão) e podem manejadas em criações zootécnicas visitando produção.

Os desejos, com relação às pretensões nas atividades pecuárias de apicultura e meliponicultura relacionados pelas mulheres foram: melhoria da infraestrutura; ampliar os plantéis; obter mais conhecimentos técnicos; preservar as espécies criadas; acessar assistência técnica permanente; viver das criações de abelhas; fazer artesanatos; realizar educação ambiental, em especial com crianças; adquirir Serviço de Inspeção.

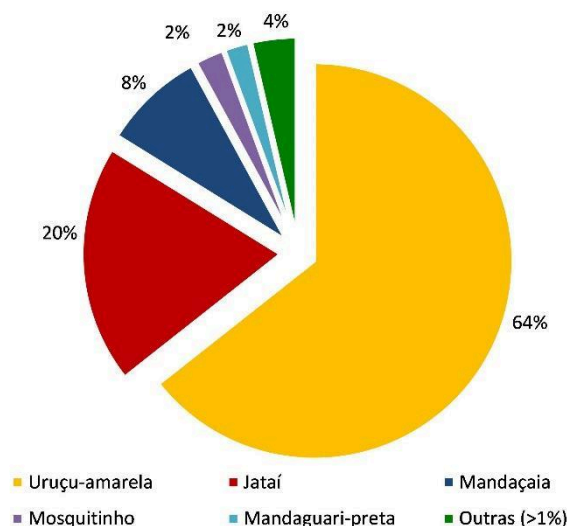
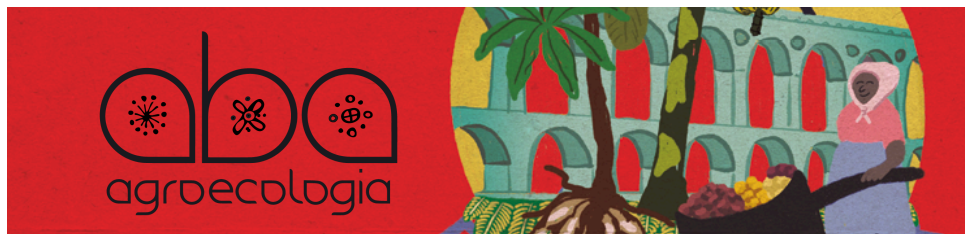


Figura 1. Porcentagem de colônias por espécie criadas pelas mulheres da Região do Rio Doce Capixaba. Legenda: uruçu-amarela - *Melipona mondury* Smith, 1863; jataí - *Tetragonisca angustula* (Latreille, 1811); mandaçaia - *Melipona quadrifasciata* Lepeletier, 1836; mosquitinho - *Plebeia droryana* (Friese, 1900) e mandaguari-preta - *Scaptotrigona xanthotricha* (Moure, 1950).

Com relação a percepção das mulheres, no que diz respeito à suas criações de abelhas, a maioria (66,7%) acha que possui conhecimentos suficientes (regular e bom) para o manejo adequado das abelhas (Figura 2). Deve-se considerar que no grupo, 32% é formado por mulheres da Vila de Regência, município de Linhares, que tiveram o primeiro contato com a meliponicultura, a partir de 2016, após o rompimento das barragens de Fundão e Santarém (novembro de 2015) e o derramamento de rejeitos de mineração no Rio Doce, contaminando totalmente o rio e atingindo de forma drástica o dia a dia dos moradores da Vila de Regência. Neste período, a Associação de Meliponicultores do Estado do Espírito Santo (AME-ES) iniciou um trabalho, com os moradores do local, para incentivar a criação de abelhas nativas sem ferrão como alternativa de ocupação de mão-de-obra, hobby e obtenção de renda. As mulheres abraçaram essa iniciativa e fizeram parte do projeto desenvolvido pela AME-ES. No decorrer dos anos de 2016 a 2020 foram implantados meliponários nos quintais das residências com manejo das colônias. Essas atividades permitiram que as mulheres aprendessem a identificar rainhas, princesas e zangões, qual o melhor momento para realizar a multiplicação, fazer alimentação artificial (energética e proteica) e manipular cera mista para ofertar as colônias de abelhas nativas sem ferrão. Ou seja, essas mulheres adquiriram conhecimento para manejar suas colônias de abelhas nativas sem ferrão.

No grupo há mulheres que atuam principalmente na apicultura, algumas com mais de 16 anos, atuando com os maridos no gerenciamento e beneficiamento do mel e participando de eventos de apicultura (congressos, dia de campo, encontros e outros).



A criação “racional” de abelhas não é uma atividade simples, na perspectiva de exigir acompanhamento e manejos permanentes determinados pelas estações do ano, floradas, condições climáticas (ex.: época de escassez de floradas deve-se alimentar artificialmente as colônias e época de boas floradas pode-se multiplicar colônias e/ou colher os produtos das abelhas) e impactos ambientais (ex.: uso indiscriminado de agrotóxicos durante as floradas, desmatamentos e outros).

As mulheres criadoras de abelhas na Região do Rio Doce Capixaba, demonstram conhecimentos para manejar com sucesso as colônias de abelhas africanizadas e nativas sem ferrão. Entretanto, ainda é observado, na maioria dos casos (41,6%), a necessidade de melhoria na infraestrutura dos meliponários e apiários (Figura 2).

No que diz respeito à satisfação em criar abelhas, as mulheres estão satisfeitas, considerando que o índice de satisfação excelente foi de 41,7% e ótimo 16,7%. Entretanto, quando foi perguntado “como está a relação, no sentido da interação de troca e o contato com outras mulheres que criam abelhas?” 41,7% considerou que a relação é ruim, sendo necessário atividades coletivas para unir as mulheres.

Observa-se uma insatisfação geral no tocante a produção de produtos de origem da apicultura e meliponicultura, com as dificuldades de certificação (Serviço de Inspeção) para uma comercialização eficiente e legalizada (66,8%) (Figura 2). Deve-se ressaltar, que essa realidade não é exclusiva das mulheres criadoras de abelhas do Rio Doce Capixaba.

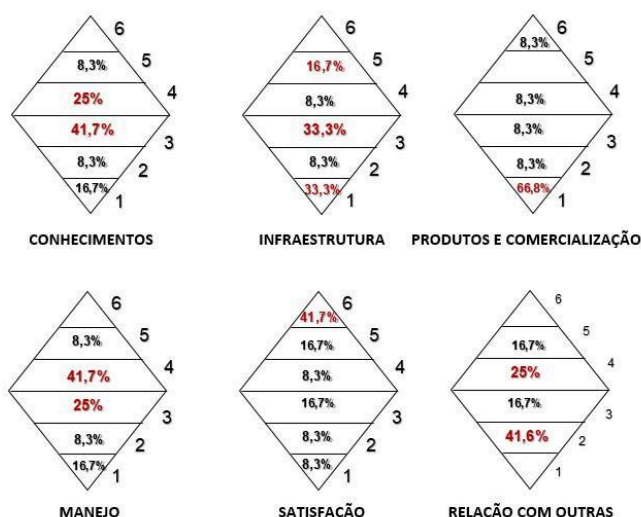


Figura 2. Percepção de satisfação das mulheres quanto ao conhecimento, infraestrutura, produtos e comercialização, manejo, satisfação na criação de abelhas e relação com outras mulheres. Sendo, 1: péssimo, 2: ruim, 3: regular, 4: bom, 5: ótimo e 6: excelente.

As ações desenvolvidas em 2021 e 2022 visaram identificar as mulheres e seus desejos nas criações das abelhas, para assim promover encontros coletivos de interação, troca de conhecimentos e aprendizagem, apoiar e assistir as criadoras, implantar e/ou revitalizar as unidades de produção, incentivar a obtenção de



produtos, a confecção de artesanatos e a inserção nos meios de comercialização. Os resultados obtidos até o momento fazem parte de um processo inicial e em construção, mas que já deu os primeiros passos, com a formação de um Coletivo, hoje denominado de “Elas podem com as abelhas”.

Agradecimentos

O apoio financeiro obtido a partir do Edital da Portaria nº 002-R/2020, Banco de Projetos de Pesquisa, da SEAG e FAPES.

Referências bibliográficas

BALDI, A.; TEIXEIRA, A.F.R.; GUELBER SALES, M.N.G.; LOSS, J.C.; SALES, E.F. Experimentação participativa sobre o manejo agroecológico de abelhas: a experiência da Família Baldi. In: **VI Congresso Latino-Americano de Agroecologia, X Congresso Brasileiro de Agroecologia**. Brasília, 2017. v. 1. p. 1-5.

BARROS, B.L.A.; GUELBER SALES, M.N.; SALES, E.F.; ARPINI, B.S.; SETUBAL, R.L. Um novo olhar sobre os sistemas tradicionais de avicultura caipira. In: **XI Congresso da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção - SBSP**, 2016, Pelotas, RS. Abordagem sistêmica e sustentabilidade: produção agropecuária, consumo e saúde, 2016. p. 1868-1881.

BOEF, W.S.; THIJSSSEN, M.H.; OGLIARI, J.B.; STHAPIT, B.R. 2007. **Biodiversidade e Agricultores. Fortalecendo o manejo comunitário**. Porto Alegre, RS: L&PM, il., 2007.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia: enfoque científico e estratégico. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, RS. v.3, n.2, p.13-16.2002a.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. **Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da Agroecologia**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, RS. v.3, n.3, p.70-85. 2002b.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 24 p. Brasília. MDA/SAF/DATER-IICA. 2004.

GUELBER SALES, M.N.; BARROS, B.L.A.; ARPINI, B.S.; MAXIMO H.L.; LOURENÇO, R.S.; SALES, E.F. Movilización del conocimiento tradicional de la gallina criolla a través de la investigación participativa en Brasil. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO SOBRE CONSERVACIÓN Y UTILIZACIÓN DE RECURSOS ZOOGENÉTICOS, 17., 2016, Corrientes, Argentina. Libro de resúmenes... Corrientes: Universidad Nacional del Nordeste, 2016.



TEIXEIRA, A. F. R. Princípios Agrocológicos Aplicados à Criação de Abelhas nativas sem ferrão. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Pelotas, RS, v.2, n.2, p.1295-1298. 2007.